

CULTURA: COMPLEXIDADES E DIVERSIDADES NO CONTEXTO ESCOLAR

SOUSA, Eronilson Mendes de¹

CHITOLINA, Marcelo²

RESUMO

Este Artigo tem como objetivo propiciar reflexões, sob o aspecto Sócio Antropológico da ideia de Cultura, suas complexidades e diversidades. Logo, esta abordagem sobre a Cultura, ocorreu dentro de uma discussão teórica sob a perspectiva da noção de Cultura nas Ciências Sociais. A metodologia adotada está pautada na pesquisa bibliográfica, tendo como instrumento análise de referenciais teóricos de autores indicados pelos professores da Disciplina Cultura, saberes e Prática do Curso de Mestrado em Ciências da Educação-UDE e outras selecionadas pelos autores. Trazendo uma discussão sobre a presença das diversidades sócio- culturais no espaço Escolar e suas difíceis tarefas de convivência, dentro de um modelo de escola conservador e antidemocrático.

Palavras-Chave: Cultura; complexidades; Diversidades; Migração; Ciências Sociais.

Abstract

This Article aims to provide reflections, under the appearance Anthropological Partner of the idea of Culture, its complexities and diversities. Therefore, this approach on Culture, occurred within a theoretical discussion from the perspective of the notion of Culture in the Social Sciences. The methodology adopted is based in the bibliographic research, having as an instrument the analysis of theoretical references of authors indicated by the professors of the Culture, knowledges and Practice of the Master course in Educational Sciences from UDE and others selected by the authors. Bringing a discussion about the presence of the socio-cultural diversities in the School

¹ Licenciado Pleno e Bacharel em Ciências Sociais. Sociólogo; Esp. Metodologia do Ensino Religioso, Filosofia e Sociologia, com Complementação do Magistério Superior; Mestrando em Ciências Da Educação- UDE. Professor do Governo do Estado do Amapá, 2016. E-mail: ero.sousa@yahoo.com.br

² Graduado em Ciências Biológicas. Biólogo; Mestrando em Ciências da Educação- UDE. E-mail: marcelochitolina78@gmail.com

space and their difficult tasks of coexistence, within a model of conservative and undemocratic school.

Key words: Culture; complexities; Diversities; Migration; Social Sciences.

INTRODUÇÃO

Este Artigo apresenta os aprendizados e construção dos conhecimentos adquiridos na Disciplina Cultura, Saberes e Práticas do Mestrado Ciências Da Educação- UDE. Tendo como referência os estudos dos autores: Cucho (1999), Geertz (1973), Cândido (1998), Rocha (1994), Lima (2006), Correa e Janete (2009), Ferreira (2006), Freitas (2012), Bourdieu e Passeron (2014), Martins e Vanalli (1997), Martins (2008) e Carlos (2009).

Nesta perspectiva, podemos obter uma visão geral e Constatando a heterogeneidade presentes nos grupos humanos sobre a ampla complexidade e diversidade da ideia de Cultura e de suas variadas dimensões. Proporcionando um sistema de ideias relevantes nas Ciências Sociais para interpretar, entender e descrever o modo de vida dos agrupamentos humanos em suas diferentes realidades.

Neste sentido, o artigo foi enriquecido com novas leituras sugeridas pelos professores e selecionadas pelos autores. Para tanto, faz-se uma discussão teórica sobre o termo e o significado da Cultura, suas complexidades e diversidades e, sobretudo sobre a presença das diversidades sócio- culturais presentes na Escola. Entendida como construção histórica cultural e social das diferenças, que ultrapassam as características biológicas.

1. UMA ABORDAGEM CULTURAL SÓCIO ANTROPOLÓGICA.

A Cultura busca entender os muitos caminhos que conduziram os grupos humanos às suas relações presentes e suas perspectivas de futuro. Assim, cada povo possui uma cultura, como também recebe influências de outras culturas. Através da transmissão das gerações adultas sobre as gerações futuras, que transmitem o patrimônio cultural que recebeu de seus antepassados.

Portanto, segundo CUCHE (1999), o termo Cultura surgiu primeiramente na França durante o século XVIII (Vindo do Latim, derivado do termo “colo”, que significa cultivar ou morar na terra.). E

mais tarde, por extensão; cultura passa a significar o cuidado dispensado ao campo e ao gado; aparecendo nos fins do século XVII para designar uma parcela da terra cultivada e depois em sentido figurado de “espírito culto” por influência do espírito Iluminista sempre associado à racionalização e a civilização progressiva do homem na época.

Já no século XIX, sob a Influência da cultura Alemã, dar outro sentido para o termo cultura, diferente do sentido adotado pelos intelectuais franceses. A noção de cultura alemã passa a designar e delimitar as diferenças racionais e manifestação própria do povo Alemão, contrariando o entendimento expresso no Idioma Francês de afinamento nos costumes e libertação do homem da irracionalidade.

Para tanto, o conceito de cultura utilizado atualmente, foi definido pela primeira vez por Edward Taylor em 1871, que sintetizou os termos “kultur e civilization”, formulando seu significado: “Cultura é todo comportamento que inclui conhecimento, crenças, artes, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade”. Após sua formulação, foram criadas centenas de formulações que implicaram mais em uma confusão do que em uma aplicação do conceito.

Alfred Kroeber (1876-1960), Antropólogo, americano, afirma que: “Cultura vai além da herança genética, determina o comportamento do homem e justifica suas realizações”. Já Claude Lévi-Strauss (1908), Antropólogo Francês, define Cultura como: “Um sistema Simbólico que é uma criação acumulativa da mente humana”.

Roque De Barros Laraia (1986), Antropólogo Brasileiro escreveu o conceito de Cultura em sua obra: “Cultura: Um conceito Antropológico”. Segundo ele, “Cultura são sistemas de padrões de comportamento socialmente transmitidos que servem para adaptar as comunidades humanas em seus embasamentos biológicos”.

Neste contexto, entende-se, que a obra de Cucho (1999): “A noção de Cultura nas Ciências Sociais”, nos fornece a resposta mais satisfatória sobre a questão cultural, na medida em que a resposta “racial” está cada vez mais desacreditada conforme cresce o avanço genético da população humana, pois a noção de cultura é própria das Ciências Sociais, pois levam em consideração os indivíduos particulares dentro da Diversidade Social, além dos termos Biológicos. Ofere-nos uma resposta satisfatória para as questões das diferenças entre os povos, colocando o homem como um ser essencialmente cultural.

Portanto, a Cultura permitiu ao homem, se adaptar ao meio e ao próprio homem, para satisfazer suas necessidades. Desta forma, a Cultura tem, sobretudo, a capacidade de transformar até mesmo a natureza. Logo, a Cultura é o instrumento mais adequado para explicar o comportamento humano e seus respectivos aspectos. Pois, tudo é inerente a cultura, nada é natural, até mesmo as necessidades fisiológicas, como a fome, o sono, o desejo sexual, são derivados da cultura. Conforme nos aponta Cucho (1999): “A Cultura permite ao homem não somente adaptar-se ao meio, mas também adaptar esse meio ao próprio homem, às suas necessidades e projetos. Em suma, a cultura torna possível a transformação da natureza”.

Neste contexto, ressalta-se, que a educação é peça fundamental dentro da Cultura. Pois é ela que transmite os processos culturais de geração a geração. “As diferenças culturais entre os grupos são então explicáveis em grande parte, por sistemas de educação diferentes, que incluem os métodos de criação dos bebês (aleitamento, cuidado do corpo, modo de dormir, desmame, etc.), muito variado de um grupo a outro”. (Cucho, 1999, p.91). Assim, deve-se destacar também a linguagem, pois ela possui uma relação íntima com a cultura, e por ser um canal de transmissão, também é influenciada pela cultura.

2. UMA NOÇÃO INTERPRETATIVISTA DE CULTURA

Dentre as principais teorias do século XIX, se destaca Geertz (1973), que faz parte dos autores da teoria interpretativista de cultura. Pois para ele, a cultura é complexa, não é apenas histórica, são interpretações Sociais e Culturais, onde os cientistas só podem interpretar e nada mais.

Logo, ao compreender as relações sócio culturais, propõe a cultura como um mecanismo de controle de comportamento dos indivíduos. Para tanto, cultura é um conjunto de regras e normas que às vezes nem são concretas, mas cumprimos inconscientemente. A partir do momento que o pensamento de cada indivíduo se torna social e público, considerando que, quando o indivíduo nasce já existe uma cultura pronta, e ele é apenas inserido nela, e quando ele morre, a cultura do grupo continua existindo, ou seja, é exterior a ele, e é essencial para a existência humana. “A Cultura (está localizada) na mente e no coração dos homens.” (Geertz, 1973, p.21).

Então, para se entender a Cultura é necessário observar o comportamento das pessoas dentro das relações sociais, pois é aí que as formas de relações culturais se articulam. A interpretação deve construir uma leitura do que acontece no âmbito das relações interpessoais. Tendo a convicção de que essas interpretações não podem ser dogmáticas ou imutáveis, pois a Antropologia não é perfeita e nem a consenso. Logo, a ideia é analisar as formas simbólicas

dentro dos acontecimentos sociais, em ocasiões concretas, e formar conexões teóricas e interpretativas- descritivas.

2.1 UM EXEMPLO A SER SEGUIDO

Na obra: “Parceiros do Rio Bonito: Estudo sobre o caipira Paulista e a transformação de seus meios de vida” de 1998, que visa conhecer os meios de vida e as transformações sociais e culturais de um grupo de caipiras do Município de Bofete-SP, realizados nos anos de 1948 e 1954. Constitui-se, num exemplo a ser seguido neste trabalho sobre a cultura, suas complexidades e diversidades, pela precisão e objetividade de suas descrições, análises das formas de organizações Sociais e das maneiras usadas pelos Caipiras para se ajustarem ao meio ambiente em que vivem.

Neste sentido a obra citada explica a compreensão da cultura desse grupo de caipiras, inseridos em um mundo rústico e posteriormente influenciado pelas transformações sociais e econômicas oriundas do sistema capitalista. Conforme nos informa Cândido (1998), “(...) Devemos, pois ter em mira que certas culturas resolvem de maneira mais satisfatória que outras, os problemas de ajustes ao meio e as transformações Sociais, graças não só ao equipamento material como à organização adequada das relações.”.

Então, conforme as necessidades básicas do grupo, eles se organizam num processo de sociabilidade, para obter e distribuir os bens necessários para sobrevivência. Inseridos num conjunto de normas e valores socialmente aceitos e reconhecidos pelos componentes do grupo, onde as pessoas devem respeitar, como condição para continuarem pertencendo ao grupo. Conforme Candido (1998).

É membro do Bairro quem convoca e é convocado para trabalhos de ajuda mútua. A obrigação bilateral é aí elemento integrante da sociedade do grupo, que desta forma, adquire consciência de unidade e funcionamento. Na Sociedade Caipira a sua manifestação mais importante é o Mutirão, cuja origem tem sido objeto de discussões, qualquer que seja ela, todavia, é praticamente tradicional”. (CANDIDO, 1998).

Desta forma, é analisada a organização Social e os benefícios trazidos por estes trabalhadores de ajuda mútua, objetivando perceber a importância da obrigação Moral em que fica o beneficiado com os serviços de mutirões ou grupos de parceiros para corresponderem aos chamados eventuais dos que lhes beneficiaram com sua contribuição no trabalho. Pois estes homens tem consciência que para obterem recursos de sobrevivências é preciso se organizarem. Os meios de

sobrevivência são compreendidos dentro da Cultura conforme as necessidades prioritárias do grupo.

Como exemplo tem-se a alimentação que é obtida através do esforço físico, e geralmente engloba aspectos culturais como o plantio, colheita, regulamentação de trabalho, caça, pesca etc. Esta é estrutura fundamental da sociabilidade caipira, consiste no agrupamento de algumas ou muitas famílias, mais ou menos vinculadas pelo sentimento de localidade, pela convivência, pelas práticas de auxílio múltiplas e pelas atividades lúdico-religiosas. (CANDIDO, 1998, p. 117).

3. DIVERSIDADE CULTURAL

Segundo o Dicionário de Língua Portuguesa (BUENO, 1998), o termo diversidade significa: Variedade; diferença.

Do ponto de vista cultural, a diversidade pode ser entendida como a construção histórica, cultural e social das diferenças. A construção das diferenças ultrapassa as características biológicas, observáveis a olho nu. As diferenças são também construídas pelos sujeitos sociais ao longo do processo histórico e cultural, nos processos de adaptação do homem ao meio social e no contexto das relações de poder.

Desta forma, a diversidade se faz presente na produção de práticas, saberes, valores, linguagens, técnicas artísticas, científicas, representação de mundo, experiências de solidariedade e de aprendizagem. Todavia, há uma tensão nesse processo. Por mais que a diversidade seja um elemento constitutivo do processo de humanização, há uma tendência nas culturas, de um modo geral, de ressaltar como positivos e melhores os valores que lhe são próprios, gerando certo estranhamento e, até mesmo, uma rejeição em relação ao diferente. Assim, Rocha (1994) direciona o Etnocentrismo que segundo o autor:

Etnocentrismo é uma visão de mundo onde o nosso próprio grupo é tomado como centro de tudo e todos os outros são pensados e sentidos através dos nossos valores, nossos modelos, nossas definições do que é a existência. No plano intelectual, pode ser visto como a dificuldade de pensarmos a diferença; no plano afetivo, como sentimento de estranheza, medo e hostilidade (ROCHA, 1994, p. 7).

Logo, esse fenômeno faz com que a pessoa baseada no seu grupo social, cultural, religião, visão de mundo, pense o outro como inferior e use práticas racistas e xenofóbicas, muitas vezes em gestos e atitudes sutis, dentro de casa, nas ruas e nas escolas.

Para ressaltar, a diversidade faz parte do acontecer humano. De acordo com Elvira de Souza Lima (2006):

A diversidade é norma da espécie humana: seres humanos são diversos em suas experiências culturais, são únicos em suas personalidades e são também diversos em suas formas de perceber o mundo o mundo. Seres humanos apresentam, ainda, diversidade biológica. Algumas dessas diversidades provocam impedimento de natureza distinta no processo de desenvolvimento das pessoas as comumente chamadas de portadoras de necessidades especiais (...). Como toda forma de diversidade é hoje recebida na escola, há a demanda óbvia, por um currículo que atenda a essa universalidade (LIMA, 2006, p.17).

Portanto, a diversidade deve ser entendida em uma perspectiva complexa, onde as diferenças são produzidas e deve ser vista como um direito garantido a todos.

(...). Abordar o fato de que a discriminação, o preconceito e o racismo são naturalizados no espaço escolar e [que] a professora [professor] às vezes ignora, geralmente convive, até reproduz e protagoniza situações em que o ser negro ou negra é motivo de zombaria, inferiorização, desumanização (CORREA, JANETE, 2009, p. 97).

Portanto, percebe-se a urgente necessidade de uma prática pedagógica que possa compreender os dilemas e conflitos presentes na escola no que se refere as diferenças, ou seja, garantir uma educação que trabalhe a diversidade e a inserção da luta anti-racista. Pois: “Discutir a diversidade no campo da ética significa rever posturas, valores, representações e preconceitos que permeiam a relação estabelecida com os alunos, a comunidade e demais profissionais da escola” (FERREIRA, 2006, p. 32).

Logo, entende-se, que a escola é um lugar da presença da diversidade com todas suas contradições e desafios para os educadores que pretendem viabilizar uma educação ética e emancipatória. Para tanto, necessitamos compreender as intolerâncias e os preconceitos pelos quais muitos grupos humanos passam. Assim, é de fundamental importância uma mudança de paradigma educacional, voltada para o reconhecimento das diferenças. Conforme nos mostra Freitas (2012, p.15), que é salutar o exercício da escuta e da tolerância do “outro”, para tanto devemos nos privar de emitir opiniões e ter atitudes sem conhecimento, sem fazer julgamento, sem rotular, classificar, etc.

Desta feita, a diversidade pode assumir muitas formas, como o etnocentrismo, relativismo cultural, eurocentrismo, etc. Logo, conforme nos aponta Brandão (2002, p.47 apud Freitas, 2002, p.47):

Aqui se defende o ponto de vista de que as culturas humanas se equivalem como valor e experiência, não se reduzindo umas às outras, não sendo mensuráveis umas pela escala de uma suposta evolução de outras e explicando-se plenamente, cada uma delas, de acordo com os termos da lógica de seu próprio sentido.

Assim, podemos construir uma noção de cultura no sentido plural. Sem hierarquizar e destruir povos tidos ao longo da história, sob perspectiva evolucionista como inferiores e selvagens. Para tanto precisamos respeitar a alteridade e trata-la com a mesma dignidade com que tratamos nossos “iguais” e queremos ser tratados. Conforme nos aponta Laplantine (1998, p.21 apud Freitas, 2002, p.39).

Somos não apenas cegos à dos outros, mas míopes quando se trata da nossa. A experiência da alteridade (e a elaboração dessa experiência) leva-nos a ver aquilo que nem teríamos conseguido imaginar, dada a nossa dificuldade em fixar nossa atenção no que nos é habitual, familiar, cotidiano, e que consideramos “evidente”. Aos poucos notamos que o menor dos nossos comportamentos (gestos, mímicas, posturas, reações afetivas) não tem realmente nada de “natural”. Começamos então a nos surpreender com aquilo que diz respeito a nós mesmos, a nos espionar. O conhecimento (Antropológico) da nossa cultura, passa inevitavelmente pelo conhecimento das outras culturas; e devemos especialmente reconhecer que somos uma cultura possível entre tantas outras, mas não única.

Neste sentido, segundo Freitas (2012,p. 40-41) é necessário rompermos com o etnocentrismo que conseqüentemente conduz ao Eurocentrismo, fenômeno que justifica os processos de colonização de povos latinos americanos, que romperam com as formas tradicionais de organização das sociedades colonizadas. E impuseram valores, costumes códigos e práticas cotidianas que ainda hoje persistem.

O grande problema desta constatação é que a Escola, ao invés de promover a igualdade de direitos e de oportunidades, praticando uma educação autônoma e democrática, reproduz as desigualdades sociais e legitima a cultura de elite. Conforme nos mostra Bourdieu e Passeron (2014, p. 32).

[...] Na realidade, devido ao fato de que elas correspondam aos interesses materiais e simbólicos de grupos ou classes diferentemente situadas nas relações de força essas AP tendem sempre a reproduzir a estrutura da distribuição do capital cultural entre esses grupos ou classes, contribuindo do mesmo modo para a reprodução da estrutura social; com efeito, as leis do mercado em que se forma o valor econômico ou simbólico, isto é; o valor enquanto capital cultural, dos arbitrários culturais reproduzido pelas diferentes AP e, por esse meio, dos produtos dessas AP (indivíduos educados), constituem um dos mecanismos, mais ou menos determinantes segundo os tipos de formações sociais, pelos quais se encontra assegurada a

reprodução social, definida como reprodução da estrutura das relações de força entre as classes. (BOURDIEU e PASSERON, 2014,p.32)

Desta forma, a escola reproduz a estrutura de classe e conseqüentemente o processo de dominação. Dissimula o que há de arbitrário e violento. Impondo e inculcando nas consciências dos educandos, as hierarquias, diferenças de participação nas riquezas, etc. Construindo uma visão de mundo que torna natural a dominação.

Segundo Bourdieu e Passeron(2014,p.57-58), através do trabalho pedagógico, que inculca o arbitrário cultural sob a forma de hábitos duráveis e transferíveis. Assim, o trabalho pedagógico substitui a repressão física, com a mesma eficácia, para confirmar e consagrar a autoridade pedagógica. Desta forma o trabalho pedagógico (TP), produz as condições objetivas, que faz com que os educandos não percebam a violência simbólica e a aceite naturalmente.

Desta forma, os autores perceberam que o ensino não é transmitido da mesma forma para todos os indivíduos, como a escola faz parecer. Logo, para explicar essa afirmação, Bourdieu e Passeron (2014), criaram a metáfora do Capital Cultural ou Capital de Cultura, para explicar como a cultura, em uma sociedade dividida em classes, se transforma em uma espécie de moeda e em um instrumento de dominação.

Pois segundo esses autores, a escola deveria ser democrática e tratar igualmente todos os indivíduos, mas isso só acontece aparentemente. Haja vista que os alunos pertencentes às classes sociais mais favorecidas, trazem de berço uma herança cultural (Capital Cultural), crianças que tem em suas casas pais formados, leitores, ricos, que viajam, frequentam cinemas, teatros, ouvem músicas clássicas, fazem balé, etc. Logo, essas crianças terão familiaridade e facilidade de obterem êxito nas escolas, ao contrário das crianças pobres, que estranharão tudo que for transmitido pela escola.

Por isso, o discurso de igualdade que a escola pratica, não funciona na prática. Sendo que os filhos de pais diplomados, porque têm mais familiaridade com o universo dos estudos, obtêm sucesso na escola. Isso não significa que a classe popular não seja capaz de obter êxito, o que eles não têm é a base necessária (Capital Cultural), nem são respeitados e tratados adequadamente, recebendo todas as condições necessárias para aprenderem e concorrerem nas mesmas condições que os alunos ricos, porque não tem a cultura que a escola valoriza.

Nesta perspectiva, a escola, dissimuladamente, legitima a cultura dominante. Dando-lhe um valor incontestável, fazendo com que seja a cultura “boa”, se impondo sobre a cultura popular. Assim, favorece alguns alunos (ricos), em detrimento de outros (pobres).

Assim, a cultura escolar é rotinizada, homogeneizada, ritualizada por exercícios de repetição, inculcando o hábitus a ser transmitido. Ou seja, a escola repete rotineiramente os comportamentos padronizados que devem ser adotados pelos estudantes. Os quais, por não saberem ou entenderem a lógica da repetição, o fazem inconscientemente. Logo, esses comportamentos são interiorizados, através de mecanismos inconscientes.

[...] Só a construção do sistema das relações entre o sistema de ensino e a estrutura das relações entre as classes sociais permite que se escape realmente a essas abstrações reificantes e se produza conceitos relacionais que, como os de oportunidade escolar, de disposição relativa à escola, de distância à cultura escolar ou de grau de seleção, se integram na unidade de uma teoria explicativa das propriedades ligadas à dependência de classe (como o ethos ou o capital cultural) e das propriedades pertinentes da organização escolar, tais como, por exemplo, a hierarquia dos valores que implica na hierarquia dos estabelecimentos, das seções, das disciplinas, dos graus ou das práticas. (BOURDIEU e PASSERON, 2014, p.133-134).

Dado o exposto, compreende-se, que a violência simbólica é uma forma de coação que se apóia no reconhecimento de uma imposição determinada econômica, social, cultural e simbólica. Se fundamenta na fabricação contínua de crenças do processo de socialização, que induzem o indivíduo a se posicionar no espaço social seguindo critérios e padrões do discurso dominante, o qual se torna legítimo.

4. MIGRAÇÃO E CULTURA NORDESTINA NO ESTADO DO AMAPÁ.

É importante entender que os nordestinos abandonam suas áreas de origens em busca de melhores condições de vida, principalmente quando se vêem sem alternativas de sobrevivência, falta de acesso às terras nordestinas, seca e desemprego. “(...) “O jeitinho Capitalista” de produzir riquezas e misérias é que fez e faz tanta gente Brasileira ou estrangeira andar de um lado para o outro, buscando terra ou emprego, que lhes são negados em suas regiões natais”. (Martins e Vanalli, 1997, p.34).

A maioria dos Nordestinos que se fazem presentes no Estado do Amapá, vieram na década de 80 e 90, geralmente indicados por conterrâneos de que no Estado haviam empregos e terras disponíveis. Neste sentido, os nordestinos, primeiramente se alojaram no setor urbano (Macapá e

Santana). Porém, ao chegarem aqui, se depararam com a inexistência do sonho prometido, pois o Estado não dispunha de planejamento urbano e de infraestrutura adequada para suportar todo contingente migratório ocorrido na Região. “Como Macapá não tem um planejamento e uma infraestrutura urbana adequada para suportar esse contingente migratório, pois os Bairros e áreas centrais da Cidade já estão ocupados, de certa forma a população migrante é excluída e expulsa dessas áreas”. (Macapá-ap, 1995).

Em todo esse contexto se encontra imerso ao submundo capitalista, conforme nos aponta Martins (2008), o homem simples, cuja existência é atravessada por mecanismos de Dominação e alienação, que o faz vítima da Sociedade Capitalista com sua Utopia de Modernidade.

As misérias, como o desemprego e o subemprego, os valores e as mentalidades produzidos pelo desenvolvimento dependente são partes integrantes da Modernidade, embora de um ponto de vista teórico e tipológico não façam parte do moderno (MARTINS, 2008, p. 18).

Aqui percebemos que essa “ética” do desenvolvimento moderno faz do sujeito um objeto, o sujeito posto como estranho aos direitos de Cidadania como moradia, educação, saúde, lazer e saúde. Assim, sabemos que o ritmo do desenvolvimento social e econômico é desigual e vitimiza os menos favorecidos e despossuídos de direitos e oportunidades.

(...) A modernidade, porém, não é feita pelo encontro homogeneizante da diversidade do homem, como sugere a concepção de globalização. É constituída, ainda, pelos ritmos desiguais do desenvolvimento econômico e social, pelo acelerado avanço tecnológico, pela acelerada e desproporcional acumulação de capital, pela imensa e crescente miséria globalizada, dos que têm fome e sede de justiça, de trabalho, de sonho, de alegria. Fome e sede de realização democrática das promessas da modernidade, do que ela é para alguns e, ao mesmo tempo, apenas parece ser para todos. (MARTINS, 2008, p. 18-19)

Deste modo, entendemos que não é mais possível camuflar as realidades sociais com ideologias midiáticas e discursos políticos, deixando de lado as injustiças sociais, a exploração e a degradação humana dos que sofrem as consequências das contradições históricas. “Sugerindo metodologias de investigação criativas e úteis aos Sociólogos que sabe não ser possível lidar com certas dimensões da vida social sem reconhecer, interpretar e devassar o bloqueio do aparente.” (MARTINS, 2008, P. 137.)

Ao que tange a presença dos nordestinos no Município de Laranjal Do Jari, faz-se necessário abordar o Projeto Jari, que é um marco na ocupação espacial do Município. Esse projeto fica localizado na foz do Rio Amazonas, abrangendo parte do município de Almeirim – PA, Laranjal do Jari – AP e Vitória do Jari – AP. “Foi aprovado em 12 de agosto de 1996 pela SUDAM e se

apresentou voltado para a produção de celulose, agropecuária (arroz e gado) a para a extração de caulim a bauxita” (CARLOS, 2009, p.36).

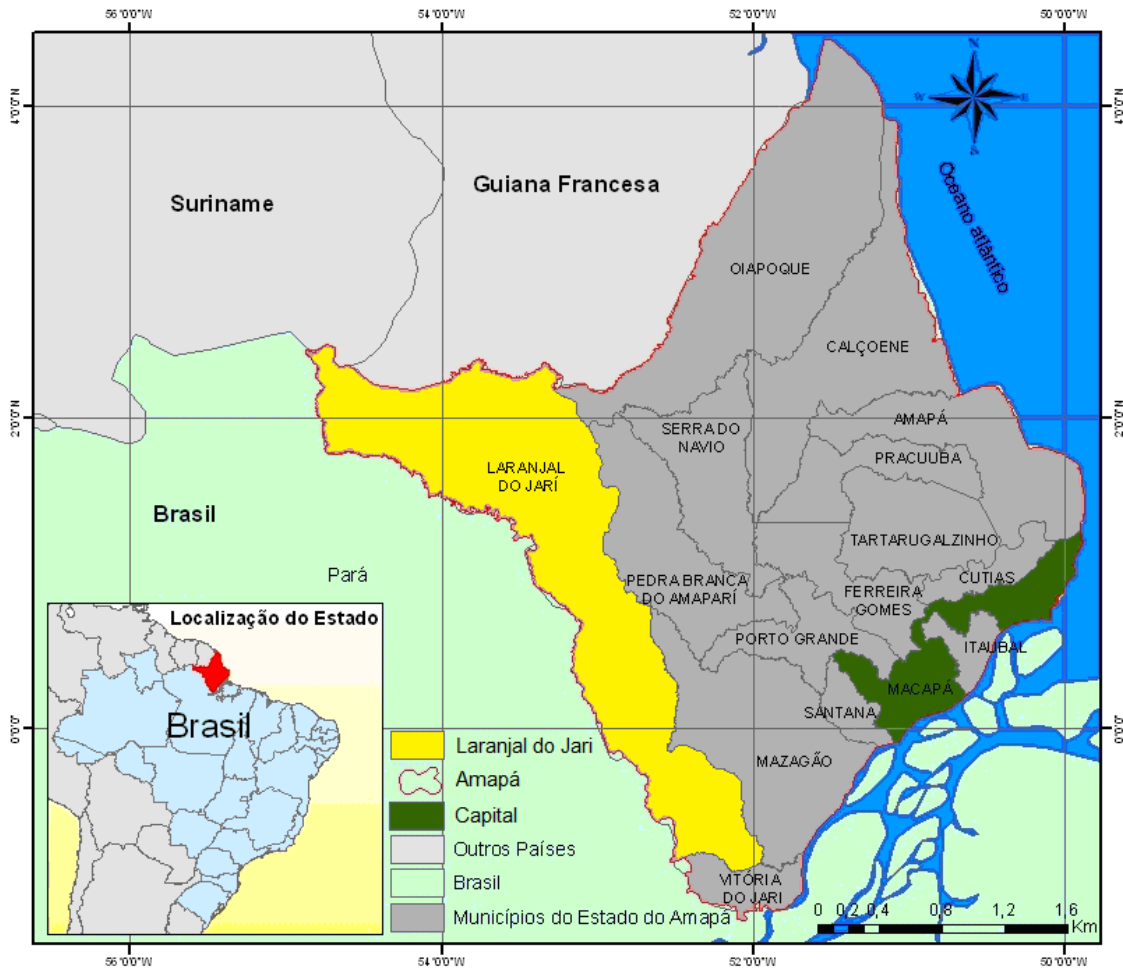


Figura 1: Localização do Município De Laranjal Do Jari

Fonte: www.laranjaldojari.ap.gov.br

E foi a partir da implantação do Projeto Jari que se intensificou a migração para essa área, pois existia a ideia de que esse projeto geraria muitos empregos, mas ocorreu o contrário, e as pessoas oriundas de outros Estados e localidades, principalmente da Região Nordeste, acabaram ocupando a margem do Rio Jari que hoje corresponde ao Município de Laranjal do Jari. Destaca-se que o Rio Jari é marco divisor dos Estados do Pará e Amapá.

(...). O processo de controle dos trabalhos dentro do projeto não foi suficiente para deter os mecanismos “espontâneos” de ocupação daqueles que vinham à procura de trabalho, ou na formação de uma zona de prostituição no outro lado do rio quando nasceu o Beiradão (CARLOS, 2009, p. 28).

Assim, o Município passa a ser conhecido como “Beiradão”, por ter sido transformado em uma grande favela sobre palafitas (casas em cima d’água). Com muitos problemas de infraestrutura e planejamento urbano.

De acordo com a Prefeitura de Laranjal do Jari o Município de Laranjal do Jari possui uma população estimada no ano de 2016 de 45.000 habitantes e área de 29.699 km² (www.laranjaldojari.ap.gov.br).É um município heterogêneo em função de todas as diversidades que apresenta.

Neste sentido, o tão sonhado Eldorado não correspondeu às expectativas de todos os imigrantes, causando um grande índice de desemprego e outras mazelas sociais. “Ela significa que as forças produtivas, as relações sociais, as superestruturas (políticas, culturais) não avançam igualmente, simultaneamente, no mesmo ritmo histórico” (MARTINS, P.101,2008).

Bem como uma diversidade cultural acentuada, que gera discriminação e preconceito regional, presentes nas “brincadeiras” e piadas de mau gosto entre os nortistas e os nordestinos. Logo, as escolas tem muita dificuldade de lidar com essas situações e acabam deixando passar, ou seja, naturalizando.

CONSIDERAÇÕES GERAIS

A noção de cultura é bastante complexa e diversa, sendo necessário estudo e discussão sobre esta temática para que se possa obter uma ideia mais abrangente, holística e global, e assim evitarmos o etnocentrismo e suas consequentes práticas de discriminação, preconceitos em suas diferentes dimensões e o racismo.

Logo, em relação às questões culturais, buscamos refletir os diversos caminhos que conduzem os grupos humanos em suas relações sociais, a partir da noção perspectiva cultural nas Ciências Sociais. Onde percebemos que cada povo possui sua cultura particular e cada sociedade elabora sua própria cultura, que influencia e é influenciada por outras culturas.

Pois constatamos isso com os estudos em sala de aula da : Cultura, Saberes e Práticas, onde nos mostraram sob a ótica sócio Antropológica, como ocorrem os processos de interações sociais. Que se intensificam baseados no contato cultural; pois quanto maior for o contato entre diferentes culturas, maiores serão as influências recebidas ou repassadas.

Neste sentido compreendem-se as complexidades e as diversidades presentes em todos os espaços sociais. Principalmente no espaço escolar, onde se põem como obstáculos do processo de ensino e aprendizagem, principalmente por falta de compreensão desta realidade por parte tanto dos alunos quanto do corpo docente.

Onde existe um grupo dominante que desfruta de status social e poder hierárquico que pratica a violência simbólica e perpetua a estrutura social. Excluindo a maioria da participação plena na vida social, que é privilégio apenas do grupo hegemônico. Pois a escola adota modelos tradicionais e valoriza a cultura de elite em detrimento de uma grande maioria de alunos em seu entorno. Onde assume um modelo manipulador e massificador das diversas culturas que ali se fazem presentes.

Por isso precisamos romper com os modelos da educação conservadora que perpetuou e naturalizou as formas hegemônicas e dominantes da cultura. Dar voz, visibilidade e espaço para os grupos historicamente excluídos dos direitos à cidadania. Implementar na prática a lei 10.639/2003, que torna obrigatório o ensino da história da África e dos africanos nos currículos escolares da educação Brasileira. Tornar eficaz os Parâmetros Curriculares Nacionais de 1997, do Ministério da Educação e Cultura (MEC), para romper e quebrar os estereótipos regionais, em relação aos grupos étnicos, sociais e culturais.

Bem como, construir através dos meios de comunicação espaços para as diversidades, para discutir a questão, com respeito e seriedade. Oportunizar espaços para os movimentos sociais organizados na luta pela justiça e igualdade nas questões de gênero, orientação, identidade étnica e sexual. Pois temos que aprender a conviver com as diversidades, superando nossos medos e preconceitos. Respeitando a cidadania e os direitos humanos e assim enfrentando as situações difíceis de serem resolvidas e desmistificadas.

Desta forma, viabilizarmos uma educação multicultural e intercultural e seus desafios na difícil tarefa de convivência entre os diferentes, respeitando suas particularidades, na perspectiva da igualdade de direitos e deveres e da dignidade humana. Ou seja, uma educação, onde possamos realizar o diálogo entre as nossas diferentes formas de sermos humanos.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. **A Reprodução: Elementos para uma teoria do Sistema de ensino**. Tradução de Reynaldo Bairão; revisão de Pedro Benjamim Garcia e Ana Maria Baeta. 7.Ed.- Petrópolis, RJ: Vozes,2014.

BUENO, Francisco da Silveira. **Dicionário Escolar de língua Portuguesa**. 28ª Ed – Rio de Janeiro: Ediouro, 1998.

FERREIRA, Amauri Carlos. “**A morada do educador: ética e cidadania**”. In: educação e revista. Belo Horizonte, nº 43, jun. 2006.

CORREA, Solenir Gonçalves Kronbauer & JANETE, Marga Stöher (orgs). **Educar para a convivência na diversidade – desafio à formação de professores** – (coleção docente em formação). São Paulo: Paulinas, 2009.

CARLOS, Antônio. **Geografia do Amapá: A (RE) produção do espaço amapaense e seus contrastes**. Gráfica JM 5ª Ed. Macapá – AP, 2009.

CÂNDIDO, Antônio. **Os parceiros do Rio Bonito. São Paulo: Duas Cidades. Estudo sobre o Caipira Paulista e a transformação dos seus meios de vida**. Ed. 34. São Paulo, 1998.

CUCHE, Denys. **A noção de Cultura nas Ciências Sociais**: Tradução de Viviane Ribeiro. Bauru: EDVSC, 1999.

FREITAS, Fátima e Silva de. **A diversidade Cultural como prática na educação**. Curitiba: Intersaberes, 2012. -(Série Dimensões da Educação).

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Ed. Zahar. Rio De Janeiro, 1973.

LIMA, Elvira de Souza. “**Currículo e desenvolvimento humano**”. In: MOREIRA, Antonio Flavio e ARROYO, Miguel. **Indagações sobre currículo**. Brasília: Departamento de Políticas de Educação Infantil e Ensino Fundamental, Nov. 2006.

MACAPÁ-AP, de Diocese. “**Migrações em Macapá e Santana**”. **Sua realidade Econômica, Social, Político e Religiosa**. Macapá, 1995.

MARTINS, Dora e Vanalli, Sônia. **Migrantes (Representando a Geografia)**. 3º Ed. São Paulo: Contexto, 1997.

MARTINS, José De Souza. **A Sociabilidade do Homem Simples: Cotidiano e história na Modernidade Anômala**. 2. Ed.. São Paulo: Contexto, 2008.

ROCHA, Everaldo. **O que é Etnocentrismo**. 11ª Ed – São Paulo: Brasiliense – (coleção primeiros passos; 124). 1994.

A DIVERSIDADE DE CULTURAS E A COMPLEXIDADE DO CONCEITO

Maria de Lurdes Mattos Dantas Barbosa³

RESUMO

Este artigo é o resultado de investigações e estudos realizados nas aulas da disciplina de Culturas, Saberes e Práticas, do Curso de Mestrado da Universidade de La Empresa, e tem como enfoque principal, a reflexão sobre a diversidade de culturas, a complexidade, multiplicidade, e a falta de consenso em relação ao conceito de cultura. Busca reconhecer a dinâmica, a relação e o diálogo permanente entre a pluralidade cultural e educação, dando ênfase a prática pedagógica, ao utilizar os conflitos inerentes ao processo na construção e reconstrução do conhecimento científico. Foca também a atenção na questão dos preconceitos, discriminação e cotas nas Universidades brasileiras nas ações afirmativas como procedimento de reparação aos afrodescendentes pelo passado histórico do escravismo no Brasil.

PALAVRAS – CHAVE: Cultura, Educação, Conceito, Complexidade

ABSTRACT

This article is the result of investigations and studies carried out in the classes of the discipline of Cultures, Knowledge and Practices, of the Master Course of the University of La Empress, and its main focus is the reflection on the diversity of cultures, complexity, multiplicity, and lack of consensus on the concept of culture. It seeks to recognize the dynamics, relationship and permanent dialogue between cultural plurality and education, emphasizing pedagogical practice, using the inherent conflicts of the process in the construction and reconstruction of scientific knowledge. It also focuses on the issue of prejudice, discrimination and quotas in Brazilian Universities in affirmative actions as a procedure to repair Afro-descendants by the historical past of slavery in Brazil.

KEY WORDS: Culture, Education, Concept, Complexity

³ Professora graduada em História pela Universidade estadual do Estado da Bahia – UNEB. Pós-graduada em Metodologia do Ensino de História pelo Instituto Brasileiro de Pós-graduação e Extensão –IBPEX. Mestranda em Ciências da Educação pela Universidade de La Empresa - Uruguai E-mail lurdinhadantas44@yahoo.com